



Mónica

Uma Montanha de Emoções

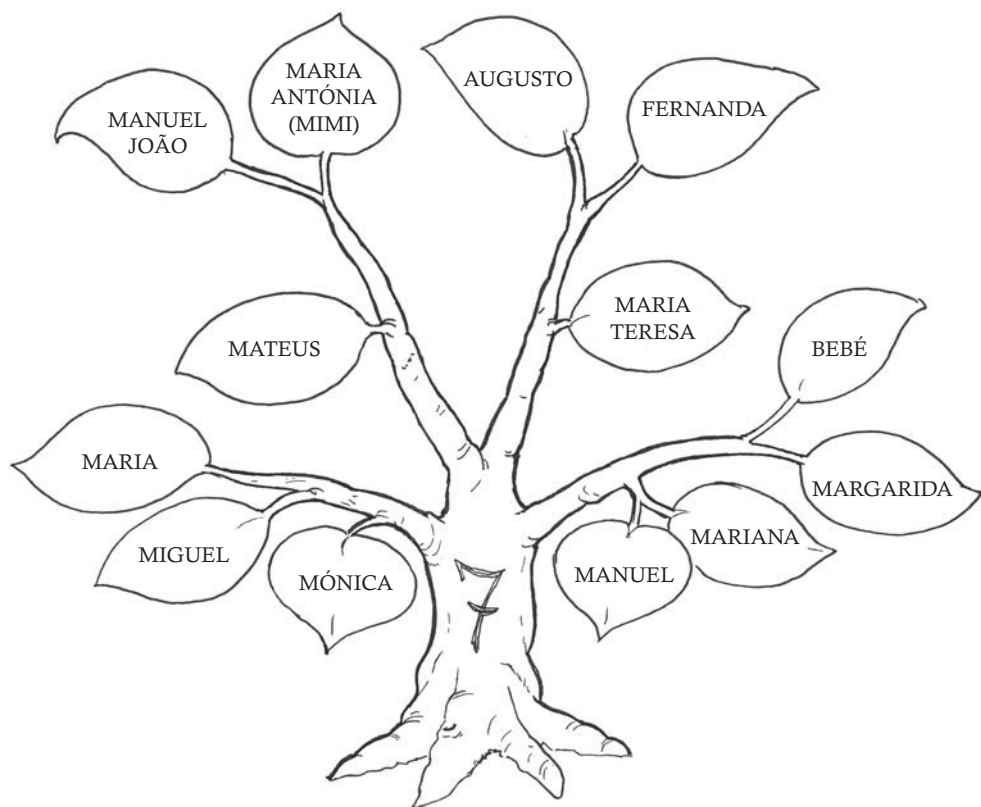
autoras **Margarida Fonseca Santos**
Maria João Lopo de Carvalho

ilustrações
Miguel Gabriel

**OFICINA
DO LIVRO**

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





UM

É isso mesmo! Sou a Mónica...

A maior parte de vocês já sabe quem sou, mas eu explico outra vez – há sempre novos amigos nesta família dos 7 Irmãos!

Vivo na Rua dos Girassóis, número 17, com a minha enorme família. Não acreditam que é enorme? Então vejam só isto: somos 7 irmãos, o pai e a mãe, a Alice, o *Mister* e a *Estrelinha*. Uma dúzia de seres numa única casa!!!

Tenho 15 anos e vou entrar para o 10.º ano. É um bocado assustador escolher uma área, e isso quer dizer que já estamos a pensar no que vamos ser quando formos adultos. Sei lá o que quero ser! Escolhi disciplinas que me permitem ir para Veterinária, porque adoro animais, mas não tenho a certeza de nada... O meu irmão Miguel anda meio zangado comigo... Achou sempre que eu ia para Desporto, não percebe como é que eu posso ter escolhido outra coisa. Ele gosta muito de mandar em mim, essa é que é essa!

Bom, também não é só por isso que esta decisão me custou. Namoro com o Filipe, que me deu a *Estrelinha*, uma coelha branca, quando fomos à serra da Estrela. Adoro o Filipe!!! Mas ele escolheu ir para Desporto, é louco por BTT e coisas do género, não vamos ficar na mesma turma. Que disparate! Nunca estivemos na mesma turma, o problema não é esse! Tenho é receio de que passemos menos tempo juntos... O Filipe é um daqueles rapazes que parecem feitos por encomenda. Muito tranquilo, simpático, romântico... Gosto tanto dele! Acho que não consigo imaginar a minha vida sem ele!

Sou muito parecida com a minha irmã Maria, mas ela é toda «menina» e eu, enfim, ando sempre um bocado despenteada e não tenho paciência nenhuma para roupas e coisas dessas. Talvez sejamos só parecidas na expressão dos olhos e nos cabelos loiros.

Gosto imenso de futebol, e às vezes até vou jogar com o meu irmão, mas com o Filipe é sobretudo bicicleta, circuitos de orientação, essas coisas assim mais «de campo». Sou muito despachada, acho eu!, e sempre pronta a enfrentar novos desafios... acho eu...

Mas adiante! A Maria, que é a minha irmã mais velha, esteve a fazer o 12.º ano nos Estados Unidos, e isso foi muito estranho cá em casa. Só falávamos de vez em quando, tive imensas saudades dela! Agora já cá está, passámos dias inteiros a contar coisas uma à outra – tínhamos muita conversa em atraso! O namoro com o João Pedro vai de vento em popa, embora tenha sido mesmo difícil estarem

assim tanto tempo longe. Acho que houve qualquer coisa esquisita entre eles, mas a Maria não me contou, finge que não percebe quando lhe pergunto. O que aconteceu resolveu-se, e ela não diz mais nada.

Depois da Maria, vem o Miguel, que eu adoro! Tem uma namorada muito querida, a Rita, mas também andaram um bocado às turras nos últimos tempos de escola. Bem, se formos pensar nisso mais a sério, aconteceu tanta coisa com eles naqueles meses, que qualquer um teria andado desorientado! O primo da Rita, o Zeca, sofreu um acidente no *surf* e esteve muito mal! Montámos uma campanha para arranjar dadores de sangue e tudo! Agora recuperou. O Miguel ia sendo escolhido para a seleção de sub-19, mas aquilo correu-lhe mal. Desconcentrava-se quando o estavam a observar, quis desistir, os pais não consentiram, um filme! Joga no Desportivo de Santarém, é um génio do futebol, mas vai ter de esperar por uma segunda oportunidade. Conseguem perceber porque é que eles andaram um bocado baralhados, não?

A seguir a mim, que sou a terceira, vêm os gémeos, Mariana e Manel. Passaram para o 7.º ano, mas não da mesma forma, claro. O Manel teve umas supernotas, como de costume, pois devora todos os livros que encontra, e tudo o que lê fica para sempre gravado dentro da cabeça! Deve faltar-lhe aquela peça que nos faz esquecer algumas coisas, sabem? Essa mesmo. A Mariana... pois... a Mariana passou a tudo com notas mais baixas, leva a vida em esquemas e asneiras que só a ela lembram (já que o diabo não se deve

lembrar de tanta coisa!). Têm doze anos, tinha-me esquecido de dizer. O Manel partilha o quarto com o Miguel, a mim calhou-me dividi-lo com a Mariana. De todos os disparates que já fez, talvez o mais louco tenha sido o de meter a *Estrelinha* dentro da cama, como se fosse um saco de água quente. Sim, é exatamente isso que vocês estão a pensar – deu asneira da pior! De qualquer forma, eu acho-lhe graça. Não posso deixar que a Mariana se aperceba disso, senão fica insuportável, mas é mesmo divertido vê-la asneirar e depois tentar compor a cena! As frases que ela diz para se salvar são excelentes!

Depois dos gémeos, vêm as superbebés! Espero que a Margarida nunca veja isto!!! É que ela passou para o 4.º ano e acha que já é muito crescida... É uma mimada, anda sempre a pedir apoio à Alice (que lho dá, aí é que está o problema!). Ficou furiosa por ter de dividir o quarto com a Madalena, que é *verdadeiramente* bebé, e, para se vingar, manda nela como se a pobre coitada fosse uma escrava. A Madalena tem 2 anos e picos. Começou a falar e nunca mais se calou! Muito fala aquela ciganita!

Estão a perguntar porque é que chamo ciganita à Madalena? Ora, por uma razão muito simples: não é parecida com nenhum de nós, com aquele tom moreno na pele, nos cabelos, nos olhos. É um doce... E sabem de quem mais gosta? De mim! Sou eu quem lhe consegue dar a volta quando está com birras, sou eu quem consegue convencê-la a tomar banho ou a arrumar os brinquedos, sou a irmã preferida!

Ah, não falei da Alice... Que esquecimento mais parvo! É a fada cá de casa: ajuda os meus pais a tomar conta de nós, o que não deve ser muito fácil porque somos muitos, atura o *Mister* e a *Estrelinha*, cozinha divinamente e tem uma forma de nos tirar de confusões que ainda não percebi se é um dom especial ou se aprendeu na escola da Mary Poppins!!!

Pronto, estamos todos apresentados!

– O quê?! – perguntou a Mariana, pousando os livros que estava a arrumar. – Chega quando?!

– Chega só em setembro, filha, não é já! – respondeu a mãe, tentando disfarçar um sorriso. – E não vai ficar no vosso quarto, visto que é um rapaz. Irá para o quarto do Miguel e do Manel.

– Para o nosso?! – Agora era o Miguel a ficar indignado, deixando os livros parados entre o chão e a estante. – Mas nós já estamos tão apertados!!!

– Ó Miguel, diz-me lá uma coisa: quanto tempo passam vocês no quarto, hã? – O Mateus estava divertido com a conversa. – O mais comum é andarem pela sala de volta do computador, muitas vezes vêm trabalhar para aqui, outras vezes vão para a mesa da sala de jantar... Dá-me aí o monte, Manel, esses são deste lado.

A família fora toda mobilizada para arrumar os livros das estantes do escritório, depois de a Alice ter aspirado

um a um e dado uma passagem com glicerina líquida na madeira, que agora luzia como nova.

– Se calhar, podíamos fazer de outra maneira – propôs a Maria. – Posso ir eu para o quarto da Mónica e da Mariana, e ele ficava no meu.

– Ah!!! Que horror! – gritou a Mónica, quase deixando cair uma pilha que já se encontrava por ordem alfabética. – Três ali dentro?!

Não havia forma de chegarem a uma conclusão. Na sequência de a Maria ter ido para os Estados Unidos, a família Machado inscrevera-se para, também ela, acolher um rapaz que viesse estudar para Portugal. Iriam receber um alemão, que parecia já saber algumas coisas de português. Faltavam dois meses para chegar.

– Eu e a mãe vamos pensar no assunto. Não vale a pena falarmos mais nisto. Maria, esses são quais?

– Literatura Portuguesa, parece-me...

– Põe daquele lado – pediu o pai.

A arrumação foi continuando, misturada com um silêncio que mostrava bem como os cinco irmãos pensavam no novo hóspede. Os pais trocavam olhares cúmplices. A excitação de receber uma pessoa de fora parecia ter ficado um pouco abalada, pois ninguém queria que isso alterasse a sua vida.

– E se a Margarida fosse... – começou a Mariana.

– Falamos depois, filha. Vá, organiza lá esses aí – pediu a Teté, apontando para as enciclopédias que se amontoavam a um canto.

Debruçadas sobre uns álbuns de fotografias, as duas irmãs mais velhas trocavam palavras em sussurro:

– Não te importas...?! – perguntou a Mónica.

– Não sei... Acho que não.

– Podíamos era mandar a Mariana para o quarto das bebés...

– Eu ouvi isso! – exclamou a Mariana. – Nem pensem!!!

– Mau! Será que temos de desistir da ideia? – interrogou-se o pai.

– Não! – responderam os filhos em coro.

Mas depois disso ninguém mais tentou arranjar uma solução.

Com a mochila às costas, a Mónica avançava em passos que alternavam entre a corrida e o andar acelerado. O ar, às oito da manhã, mostrava como aquele mês de julho se preparava para ser muito quente.

Ao chegar à sede da Câmara Municipal de Vale de Nabais, só lá estava o Filipe, que, mal a viu, largou a mochila e veio abraçá-la com força.

– Eu sabia!

– Sabias o quê?

– Que ias ser a primeira a chegar...

A Mónica sorriu, quase envergonhada. A pontualidade era, para os dois, um ponto de honra, mas a verdadeira

razão da chegada àquela hora era o facto de adivinharem que o outro estaria ali.

– Trouxeste tudo?

– Tudo...?! – O Filipe estava admirado. – O que é que queres dizer com isso?

– Não me digas que te esqueceste...

– Mas estás a falar de quê?

– Já percebi, não trouxeste. – Um esgar triste tingiu o rosto da Mónica. – Pensei que íamos...

– Ah!!! Trouxe, claro que trouxe! Que parva... Achaste que me ia esquecer?! Achaste mesmo?

– Esquecer de quê? – perguntou a Sofia, largando, também ela, a mochila junto das outras. – O que foi? Não respondem?

O Filipe e a Mónica desmancharam-se a rir. Não podiam contar à Sofia, por mais que ela fosse a melhor amiga da Mónica. Um sorriso nervoso foi começando a atrapa-lhar a conversa.

– Desculpa, Sofia, é uma coisa entre nós – disse o Filipe, um pouco corado. – Depois contamos-te.

– Depois de quê? Vá lá, deixem-se de coisas!!! O que é?

– Nada... – tentou a Mónica, usando a palavra que muitas vezes quer dizer um enorme TUDO! – Vieste sozinha?

A Sofia encolheu os ombros; para já, não ia conseguir saber o que se passava. Explicou que o pai a deixara na esquina e que vira mais dois colegas ao fundo da rua.

De dentro do edifício da Câmara saiu o monitor, o professor de Ginástica do clube desportivo e organizador daquele acampamento de BTT. Carlos era um homem enorme, com músculos que sobressaíam em todo o corpo, mas com um semblante de alguma rigidez. O Filipe levantou ligeiramente as sobrancelhas quando o viu, mostrando à Mónica que aquilo não era só ar: era na realidade um homem duro.

Foram-se juntando mais jovens, numa algazarra típica de partida para um acampamento. Alguns traziam mochilas maiores do que eles mesmos, o que provocava logo uma onda de troça. Como iam ficar alojados em dormitórios de uma escola agrícola, não precisavam de tendas, por isso aquele volume todo só podia querer dizer que tinham falhado nos cálculos de roupa e ténis. Tanto volume para cinco dias?

Quando já se encaminhavam para a camioneta, a Sofia ainda tentou puxar mais uma vez a conversa:

– Não me vais contar...?

– Ai, Sofia, é uma coisa muito nossa. Não vale a pena insistires! Só te digo depois... e se me apetecer.

– Vou zangar-me! – ameaçou a Sofia.

– Tu? Como se eu acreditasse.

Da porta da camioneta, o Filipe piscou o olho à namorada. Estavam prontos para partir!

– Espero que as regras sejam cumpridas! – gritava o Carlos, falando pelo microfone da camioneta. – Daqui a uma hora chegamos à residência onde vamos ficar. Mas percebam uma coisa: a Escola Agrícola emprestou as instalações a custo zero, por isso temos de deixar tudo impecável. Há uma camarata para as raparigas e outra para os rapazes. Não quero confusões durante a noite, ouviram? Eu e a Sandra, que está lá à nossa espera, ficamos convosco. E quanto a tarefas, será assim no primeiro dia: Mónica e Sofia, ficam a tratar da limpeza do refeitório. Pedro e Ricardo, limpam a casa de banho dos rapazes. Inês e Carla, a das raparigas. Mafalda e...

As ordens continuavam. Havia sempre comentários e pedidos para trocar de tarefas, mas o Carlos nem os ouvia. Continuava a debitar o que ia acontecer e a facilidade com que os recambiaria para Vale de Nabais, se desobedecessem.

– Ele é sempre assim? – perguntou a Mónica ao Filipe.

– É um bocado bruto, sim...

– Um bocado?! – comentou a Sofia, enfiando a cabeça entre os bancos dos amigos. – Que figura!!!

– A malta dá-lhe a volta – disse a Mónica, confiante.

– Ao Carlos? Não dás, acredita... não dás mesmo – assegurou a Sofia.